

Adelmo Genro Filho  
Marcos Rolim e Sérgio Weigert

# HORA DO POVO

**Uma vertente para o fascismo**



BRASIL DEBATES

*Capa*  
*Ari Normanha*

*Arte*  
*Maria Clara Massaco Sato*

*Revisão*  
*José Carlos Giannini*  
*Neuma Cavalcante*

*Composição*  
*Linotexto S/C Ltda.*

*Direitos reservados à*  
*Editora Brasil Debates Ltda.*  
*Rua Pedroso de Moraes, 658 - s/ 4 - Tel. 813-4715*  
*Pinheiros — São Paulo — CEP 05420*

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <i>Apresentação</i> .....                 | 5  |
| <i>Em busca do povo</i> .....             | 8  |
| <i>Os bons contra os maus</i> .....       | 13 |
| <i>Fetichismo e manipulação</i> .....     | 17 |
| <i>Terrorismo e conciliação</i> .....     | 20 |
| <i>Reformismo fascistizante</i> .....     | 25 |
| <i>Somando para o fascismo</i> .....      | 33 |
| <i>Sobre o conceito de fascismo</i> ..... | 35 |
| <i>Anti-humanismo militante</i> .....     | 41 |
| <i>Marxismo e fascismo</i> .....          | 45 |
| <i>Perspectivas no Brasil</i> .....       | 50 |

## APRESENTAÇÃO

*A capacitação do movimento operário e popular para responder com eficácia às exigências do atual período de crise numa perspectiva transformadora radical vem-se mostrando um processo complicado. Nele, a combinação das lutas quotidianas, políticas e econômicas, com o balanço crítico e auto-crítico das experiências vividas se apresenta, mais e mais claramente, como necessária. Se isso é válido para as organizações e lutas de massas, com maior razão o será para as correntes ditas de esquerda. Jamais se tornará demasiado repetir ser a prática, e sua sistematização, o critério da verdade e não haver melhor aprendizado que àquele retirado da própria experiência.*

*Esse tipo de atividade, infelizmente, continua sendo visto ainda, em geral, como algo desabonador por correntes populares, inclusive por algumas que se dizem marxistas-leninistas, o que, por si só, é um sintoma flagrante da sua pouca maturidade, para supor o mínimo. Seria lamentável que isto se constituísse num fator de obstrução da crítica, porque a capitulação ao erro funcionaria como uma negativa de que os trabalhadores, eles próprio, orientando-se pelo socialismo científico, encontrem o seu caminho.*

*O texto que ora se publica, de crítica ao jornal Hora do Povo, deve, pois, ser inscrito no rol das contribuições mais necessárias. A começar pelo fato mesmo de assumir a crítica, com veemência, mas liberto de qualquer ranço sectário e do abominável recurso aos adjetivos carentes de conteúdo. O vigor aqui torna-se salutar porque presente não mais que na radicalidade da crítica e na força da argumentação.*

*Aqueles que, como eu, vêem na prática do jornal Hora do Povo uma fonte de desorientação e de rebaixamento intelectual dos trabalhadores terão uma razão a mais para receber com agrado essa contribuição de Adelmo Genro, Sérgio Weigert e Marcos Rolim. É que, lendo esse texto, ficarão mais aptos a captar a natureza dessa corrente e a posicionar-se diante dela, no dia-a-dia da luta, com maior segurança e propriedade.*

Outubro de 81  
Ozeas Duarte

Este breve texto pretende ser uma análise das propostas veiculadas pelo jornal *Hora do Povo*.<sup>(1)</sup> O crescimento de sua influência, sua interferência organizada na política institucional e no movimento de massas, além de uma prática “brigadista” que tem sido objeto de intensa polêmica, tudo isso impõe a necessidade de refletir sobre o significado desse fenômeno. Hoje, não se pode negar a influência do *HP* e sua conseqüente importância como fato político. Tampouco resolve, por maior que seja a ira proveniente da disputa imediata, esgrimir irritados adjetivos sem discutir teoricamente a essência da questão.

O que nos moveu a sistematizar as discussões que travamos não é o gosto duvidoso de agredir uma tendência situada no campo das oposições, mas o dever de enfrentar as concepções políticas, ideológicas e filosóficas estranhas à classe operária e aos setores oprimidos, mas que pretendem apresentar-se como sua expressão legítima.

O método de exposição que adotamos parte de uma análise do discurso do jornal, procurando distinguir aqueles ele-

(1) Por um curto período, em virtude de repressão política, passou a chamar-se “*Jornal do Povo*”.

mentos político-ideológicos nitidamente antioperários que, a nosso juízo, tipificam sua proposta. Nesse sentido, os aspectos levantados convergem gradualmente para uma totalidade, cuja referência teórica é o conceito de fascismo. Ressaltamos, desde já, que não se trata de tomar este conceito no sentido empírico nem de estabelecer qualquer identificação mecânica com o *fenômeno* fascista. Pelo contrário, trata-se de tomá-lo como uma categoria que, em sua essência, recolhe e integra todas as determinações do pensamento direitista no limite de sua radicalidade. Mais adiante esse enfoque será explicitado.

Analisamos 47 edições, de um total de 70, publicadas até a data de redação deste trabalho, 67%, portanto, do universo considerado. O acompanhamento feito nas edições posteriores não sugeriu, em nenhum momento, modificações nas teses levantadas. Ao contrário, confirmou-as ainda mais. Nesse sentido, consideramos o presente texto, em que pese suas evidentes lacunas, suficientemente abrangente e capaz de apanhar criticamente os traços essenciais da totalidade configurada pelo *HP*.

## Em busca do povo

*Hora do Povo* surgiu proclamando-se um jornal popular — “um jornal que retrata os *ais* de nossa gente” — “comprometido com os interesses e aspirações dos trabalhadores e do povo” (como diz o editorial do número 2), buscando ainda democratizar a informação, levando-a até ao *povão*, da forma como, presumivelmente, ele gosta. Assim, tudo aquilo que “cheirava a povo”, que parecia ser o “gosto da massa” e

pudesse ser usado para captar sua simpatia, tornou-se a referência editorial do *HP*, a sua linha condutora.

Teixeirinha, por exemplo, foi saudado como o “grande representante da cultura musical do Rio Grande do Sul”. Suas composições foram conceituadas como aquilo que “de melhor nos foi deixado dos ritmos indígenas dos charruas, guaranis e outros povos que habitavam o Continente”. (HP n.º 50) Contudo, qualquer pessoa minimamente informada sobre a realidade do Rio Grande do Sul sabe que Teixeirinha — longe de expressar em suas composições o sofrimento de um povo massacrado, oprimido pelo latifúndio —, é o mais digno traficante da ideologia das classes dominantes para as camadas populares, através de uma “arte” que especula com sentimentos e tradições ligados ao campo. O conteúdo de suas músicas (e filmes) reforça o chauvinismo, o machismo, a visão lúdica sobre a violência e os piores preconceitos das massas, sendo um obstáculo ao desenvolvimento da cultura realmente popular e crítica. No entanto, quem fizer tais considerações sobre Teixeirinha — aliás, sobejamente conhecidas e aceitas — fica enquadrado, segundo a matéria, como “um intelectual pedante que quer iludir com mentiras literárias divorciadas da realidade”.

Tal como um escorpião que voltasse contra si mesmo a cauda venenosa, as vociferações do *HP* são tão amplas e inconseqüentes que retornam incisivas e interrogam sobre a seriedade do próprio jornal. Assim, vale lembrar a reportagem sobre a prisão de um visitante extraterreno pelo DEOPS de São Paulo, por ter dado seu apoio ao *HP*. Segundo o texto, apesar da repressão, o “visitante” continuaria a recomendar o semanário à comunidade interplanetária, pregando a fusão do PO (Partido Ovnista) com o PMDB. Ou ainda matéria,

também com título de primeira página, sobre o “fascista (que matou Miguel Fragonar”, personagem da novela *Água Viva*. (HP n.º 48) Na edição anterior já havia sido publicada uma carta de um tal Jesus Cristo apoiando o jornal. Como classificar essas matérias? Temas adequados a um jornal “comprometido com os interesses e aspirações dos trabalhadores e do povo” ou “mentiras literárias divorciadas da realidade”?

Entretanto, segundo a perspectiva do *HP*, tais incongruências não incomodam e são até “justificáveis”, na medida que visam delinear uma fisionomia jornalística que obtenha a “simpatia popular”, a fim de estabelecer uma ligação “realista” com as massas. O que resulta dessa busca, assim empreendida, é precisamente a identificação com o atraso das massas, com os aspectos mais desintegrados e caóticos da consciência coletiva. O pressuposto velado dessa espécie de política — desse estilo de “aproximação com o povo” — é um profundo desprezo pela potencialidade transformadora da classe operária e demais camadas oprimidas. Trata-se da outra face do fenômeno ocorrido no pós 68 quando, diante do refluxo, determinados grupos tentaram substituir o trabalho paciente entre as massas pelos exemplos destemidos e messiânicos. Em ambos os casos, o povo é considerado como objeto ao invés de sujeito do processo político. No pós 68, as massas deveriam ser conduzidas pelas ações exemplares da vanguarda; hoje, com o ascenso das lutas populares, seria suficiente a manipulação a partir de uma proposta simplória e de adjetivos incendiários. Ao denunciar que Delfim “arria as calças”, “está de namoro com banqueiros internacionais” ou que são “cavalgadas que dirigem o país”, o jornal apenas reproduz a dimensão conservadora do senso comum, rende-se aos processos superficiais e imediatos da realidade.

Com a preocupação justa em denunciar um aspecto da dominação imperialista, o jornal falseia o fundamento dessa dominação.

Ao reconhecer como única realidade a consciência empírica das massas, desprezando suas potencialidades subjetivas, o *HP* trava uma batalha no *interior* da ideologia burguesa, uma batalha perdida que mesmo a virulência dos adjetivos não consegue compensar. Paralelamente ao elogio da consciência empírica do povo, indiscutivelmente a consciência das classes dominantes, o *HP* cultiva franca repugnância por toda a teoria, sempre rotulada como academicismo, “coisa de castrões pernósticos”, etc, etc.

Por renunciar ao enfoque teórico, o único capaz de alcançar a verdadeira ciência, o *HP* cai na ilusão de acreditar que seja possível instrumentalizar a ideologia burguesa para derrotar a própria burguesia. É uma tática ingênua que ignora a herança de Lênin, não só porque faz tábua rasa dos princípios, mas também porque tal “esperteza” leva o movimento operário e popular a enrodilhar-se na ideologia dominante. Isso ocorre porque “a ideologia burguesa é muito mais antiga, pela sua origem, que a ideologia socialista, porque sua elaboração é mais completa e porque possui meios de difusão incomparavelmente mais poderosos”.<sup>(2)</sup> Além disso, pelo fato de que a ideologia burguesa reproduz-se como consciência dominante e conservadora pela lógica objetiva das relações de produção capitalistas.

Essa concepção da luta política, que tem tanto de astúcia quanto de primarismo, pode ser largamente comprovada.

(2) V. I. Lênin. *Que Hacer?* Obras Escogidas. Tomo I, Editorial Progreso, Moscou, 1970, p. 151.

Vejam, exemplificando com seus títulos, algumas abordagens sobre a Igreja e a religião: “Santo Padre contra histerismo de Carter” (HP n.º 22); “Igreja põe em dúvida se Figueiredo é cristão” (HP n.º 43); “Fariseus e vendilhões apavorados — Está chegando a era da fraternidade universal” (HP n.º 44); “Ultrajado o Santo Padre” (HP n.º 45). O primeiro título parece indicar a existência de sérias contradições entre o imperialismo norte-americano e o Vaticano, ao mesmo tempo que caracteriza as posições de Carter, não com critérios políticos, mas simplesmente patológicos (histerismo). O segundo, afirmando o cristianismo como paradigma de valor moral, insinua uma intriga entre o general Figueiredo e a Igreja. O terceiro, coloca a “fraternidade universal” — como futuro a ser instaurado por uma nova cruzada religiosa liderada (ou “anunciada” como diz o *olho* da matéria) pelo Santo Padre. No mesmo passo, o texto procura “interpretar pela esquerda” o discurso papal no Brasil, que, como todos sabem, foi habilmente genérico ao condenar “as injustiças sociais” e os “totalitarismos”. O Papa foi extremamente cuidadoso, exatamente para não permitir tais interpretações. Essa neutralidade de seu discurso inclusive desapontou as alas progressistas da própria Igreja. No entanto, o *HP* conseguiu extrair dos pronunciamentos de João Paulo II — baseado em “alguns analistas” (?) — um claro indício de que ele desaprovava o cancelamento das eleições. Em nenhum momento as matérias mencionam o papel da Igreja como instituição que concilia e amortece o conflito entre explorados e exploradores, em que pese a existência de segmentos que se vinculam à perspectiva popular e, até mesmo, à perspectiva operária. Por sua vez, a manchete “Ultrajado o Santo Padre” é uma tentativa de utilizar o sentimento religioso, notada-

mente o mito sobre a santidade do Papa, contra o terrorismo de direita. Ao invés de propor ao povo, diretamente, o reconhecimento do terrorismo direitista como seu inimigo político, o jornal despreza a capacidade de entendimento das massas, valendo-se de uma mediação capaz de tornar a denúncia digestiva. A manchete que ilustra a visita de Videla ao Brasil — “Figueiredo abraça o anticristo” (HP n.º 51) — segue o mesmo caminho, sempre elidindo o caráter político dos fatos e ressaltando sua natureza “pecaminosa”.

## Os bons contra os maus

Certamente os aspectos da proposta do *HP* discutidos até aqui seriam refutados, por seus adeptos, com a altivez dos simplórios: tratar-se-ia “apenas” de questões táticas. Com efeito, muitas vezes o conceito empobrecido de tática é chamado a justificar o abandono concreto dos princípios, que ficam condenados ao limbo das declarações e da fé. Concebe-se desse modo, a tática num sentido sordidamente utilitário e os princípios como pura abstração. Assim, na prática política do dia-a-dia, essas duas noções tornam-se desencontradas e, frequentemente, opostas.

Na verdade, por ser intervenção política imediata, a tática é a maneira presente e efetiva de manifestação dos princípios. Por isso, não há nada taticamente eficaz que não aponte o sentido da verdade. É evidente, mas vale frisar, que, dos princípios não se podem deduzir a intervenção política, pois eles não se constituem em regras formais e sim no conteúdo da prática que visa a transformação. A mediação

entre os princípios e a intervenção tática é a estratégia, que sempre deve estar alicerçada na concreticidade particular de cada sociedade. Os princípios coincidem com o objetivo final, no caso, a conquista do socialismo e a supressão da sociedade de classes. Entretanto, o caráter de uma determinada sociedade implica, muitas vezes, como no caso do Brasil, numa estratégia que não seja explicitamente socialista. A tática, por sua vez, obedece à conjuntura. É a inserção prática da classe operária e sua vanguarda em cada momento determinado.

Assim, entre esses três níveis reais da luta de classes que a teoria é obrigada a distinguir, deve existir uma articulação orgânica, isto é, uma harmonia que forneça, constantemente, os elementos autocríticos da intervenção política. Se isso não ocorrer, há um desvio no sentido do taticismo oportunista ou do doutrinário abstrato. Noutras palavras, a vanguarda submerge no imediatismo, perdendo o rumo, ou fica a repetir verdades gerais sem intervir efetivamente no processo objetivamente em curso. Para não deixar margem a dúvidas, exemplifiquemos a necessidade dessa articulação orgânica de maneira simples e banal: um homem, portando uma arma, está perdido na selva e sente fome. O “princípio” que passa a dirigir seus passos é a necessidade de encontrar alimentação. Já que porta uma arma, a “estratégia” que lhe convém adotar é a caça. A “tática” vai depender, sobretudo, de circunstâncias muito específicas: do tipo de arma que possui, da quantidade de munição, da fauna existente na região etc. Ele deverá, certamente, no decorrer das tentativas modificar sua tática, seja porque ela se mostra ineficaz, seja pela modificação das circunstâncias. Mas, o princípio que move sua ação, ou seja, obter alimentos, deverá estar sempre presente indicando o sentido geral de seu comportamento, sob pena de desviar-se

de seu objetivo vital. E não sob uma forma abstrata, mas como decisão permanente em torno do fim almejado, como orientação que se manifesta em todos os seus atos. Se o indivíduo suposto esquecer seu “princípio” ou desligá-lo de seus atos, certamente vai distrair-se nadando no rio, ouvindo o canto dos pássaros ou apenas meditando. Enfim, vai realizar atividades que, por mais variadas ou interessantes que possam ser, não haverão de saciar sua fome.

Mas se a decisão de buscar alimentos não for mediada pela definição segura de uma estratégia, o esforço tático dispendido aleatoriamente não poderá tampouco resultar em êxito. Ele vai reagir imediatamente diante de cada surpresa, adotando um procedimento diferente diante de cada fato novo. E esse “taticismo”, por certo, acabará por submetê-lo ao caos aparente da floresta. Portanto, em seus traços gerais, as alternativas políticas da classe operária não fogem muito do quadro alegoricamente esboçado aqui. A já referida articulação orgânica entre os princípios, a estratégia e a tática, é condição fundamental para encontrar o curso de uma política realmente proletária.

A fim de ilustrar a tática do jornal *Hora do Povo*, o estatuto mesquinho atribuído a esta categoria, e demonstrar a significação política que ela adquire, tomaremos mais alguns exemplos. As matérias referentes aos militares e ao Exército revelam-se especialmente adequadas: “Figueiredo joga Exército contra trabalhadores”, vindo logo abaixo o seguinte *olho*: “Espetáculo vergonhoso — Tropas nas ruas — Comprometeu a imagem o Exército — Deus está com os metalúrgicos — Figueiredo com Satanás” (HP n.º 34); “Maus militares desonram a farda” (HP n.º 33); “Governo quer intrigar oposição e militares” (HP n.º 56). No primeiro caso, fica implí-

cito que o Exército é uma instituição acima das classes e das lutas políticas, pois estaria sendo usado de forma solerte pelo general Figueiredo. O segundo título — “Maus militares desonram a farda” — reforça essa idéia, na medida que se refere a uma denúncia de receptação de carros furtados, por parte dos órgãos da repressão, como obra de indivíduos supostamente desajustados. Por conseguinte, os demais membros das forças de repressão, não envolvidos em casos semelhantes, seriam automaticamente os “bons militares”, em que pese a função política e policial que desempenham. Aliás, constantemente o jornal condena os “maus policiais”, “maus generais” e “maus brasileiros”, conclamando, por outro lado, todos os “homens de bem” a unirem-se numa cruzada cívica.

Essa busca das “forças sadias”, que, segundo o jornal, podem ser encontradas até nas delegacias de polícia e nos quartéis, implica num determinado conceito de unidade. Este, por sua vez, é a base sobre a qual serão estigmatizadas como “divisionistas” todas as posturas que pretendam manifestar a especificidade proletária. Resta à classe operária renegar, em todos os sentidos, sua fisionomia histórica e cerrar fileiras em torno da “Nação ultrajada”. Dessa forma, a questão da hegemonia foge ao âmbito da luta ideológica para reduzir-se à *presença física* dos indivíduos — que seriam os portadores do futuro da classe operária — no contexto das lutas populares.

A luta de classes na visão desse “Jornal da família brasileira” — como indica seu *slogan* — fica relegada ao exercício dos teóricos. Enquanto as intrigas arditamente preparadas, a astúcia da vanguarda em manipular as massas e a intenção de aguçar as contradições no seio do poder, seriam as principais garantias para a transformação social. O título “Governo quer intrigar oposição e militares” exemplifica, sem deixar

dúvidas, o emprego de tais métodos. As boas relações entre a oposição e os militares estariam sujeitas a serem estremecidas pela interferência do governo, concebido como um ente estranho e intrinsecamente malévolo. Sugere-se, novamente, o Exército como uma instituição neutra, acima dos interesses de classe, desconsiderando-se ainda a memória recente de amplos setores do povo brasileiro que identificam as Forças Armadas como braço de sustentação do regime ditatorial implantado em 64. O *HP* revigora, com estilo próprio, a velha artimanha pequeno-burguesa para conquistar parcelas do Exército apelando aos seus sentimentos corporativos denegridos. Ao veicular essa idéia de que setores militares poderão aderir à causa popular pelo simples fato de serem cortejados — e não pelo avanço da luta política — o jornal acaba semeando enormes ilusões entre as classes dominadas.

## Fetichismo e manipulação

Em virtude da subserviência à ideologia burguesa, da necessidade de utilizar o maniqueísmo como instrumento político, unificando todos os “homens de bem”, o jornal *Hora do Povo* é levado a expressar a realidade de forma fragmentária. O resultado obtido é o reforço do *fetichismo*, através da manipulação das aparências, afastando as massas cada vez mais da compreensão da realidade.

Para demonstrar, passemos mais uma vez aos títulos, manchetes e textos do jornal: “Puxa-saco tenta acabar com o computador nacional” (HP n.º 35); “Governo é corrupto, cínico e irresponsável” (HP n.º 37); “Trapalhões ianques ameaçam o mundo” (HP n.º 41); “Cambada de vagabundos

tenta tumultuar o país”, título ao qual seguem as chamadas : “Figueiredo não faz nada — Governo não se dá o respeito — Subversão da ordem natural das coisas — Galinhas verdes querem cantar de galo — Governo está acobertando os pederastas fascistas” (HP n.º 51).

O primeiro título subentende que a internacionalização da economia brasileira, sua crescente subordinação ao capital imperialista, é apenas obra individual. A concorrência das multinacionais com a *Serpro* resume-se — no *HP* — a um “plano macabro” de seu presidente, o que seria também a causa da crise na pesquisa e produção de computadores nacionais. Toda a complexidade do processo de dominação tecnológica dos países dependentes torna-se, nas linhas do jornal, o resultado da subserviência e mediocridade de um alto funcionário. O segundo — “Elementos perigosos tramam contra eleições” — reforça a tese de um complô dos maus brasileiros, desta vez para impedir o processo eleitoral. O terceiro título demonstra nitidamente a função catártica que o jornal cumpre. À medida que as denúncias não se articulam numa proposta alternativa ao Estado vigente, mas se dissolvem na veemência de si mesmas, a violência verbal das críticas apenas libera a revolta espontânea sem direcioná-la politicamente. O enfoque radical, isto é, aquele que expõe a raiz dos problemas, emprega seu lugar ao desaforo estéril. “Governo corrupto, cínico e irresponsável”, eis o que *eles* merecem ouvir.

O título seguinte, sobre os “Trapalhões ianques”, é talvez insuperável em sua leviandade. O perigo das guerras não parece ter relação com a lógica imperialista, já que seria patrocinado por confusos e atrapalhados governantes. Logo, não é necessário denunciar o sistema injusto e opressor que, pela voracidade reprodutiva do capital, ameaça inclusive a sobre-

vivência da humanidade. É suficiente advogar a substituição dos governantes trapalhões por outros mais sensatos e razoáveis. A formulação “Debilóide disputa a Casa Branca” é uma variante sobre o mesmo tema.

Singularmente ilustrativo do recurso ao *fetichismo* para a manipulação, é a maneira como foram tratados os atos terroristas de direita.<sup>(3)</sup> Seus autores foram definidos como “Cambada de vagabundos que tenta tumultuar o país”, exatamente como interessava ao regime, cujo objetivo era esconder a natureza política dos atentados. Enquanto as oposições mais conseqüentes procuravam demonstrar que não se tratava de “um bando de bagabundos”, mas de grupos paramilitares agindo sob o comando ou inspiração dos setores mais reacionários das classes dominantes, o *HP* indiretamente sustentava a versão oficial. Porém, é no *olho* da matéria que vamos encontrar o conteúdo mais preciso da abordagem: “Subversão da ordem natural das coisas”. O que se pretende é utilizar a visão mística das massas de que existe “uma ordem natural das coisas”, difundida pelas próprias classes dominantes, para condenar os atentados. Ora, esse enfoque, acaba reforçando a idéia de que o regime capitalista brasileiro — sem o tumulto dos atentados, bem entendido — é a expressão de uma “ordem natural” que não pode ser transformada.

É evidente que os operários e as pessoas do povo não fazem tais raciocínios lógicos quando lêem as matérias do *HP*. O conteúdo do texto não se manifesta linearmente, através de uma decodificação intelectual. Mas ocorre o fortalecimento, no

(<sup>3</sup>) Trata-se, aqui, dos atos terroristas praticados contr OAB e a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro.

senso comum, de uma idéia que se reproduz espontaneamente e que interessa à burguesia manter e aprofundar na ideologia dos exploradores, visando eternizar a dominação.

### **Terrorismo e conciliação<sup>(4)</sup>**

A postura assumida pelas forças de oposição diante dos atentados terroristas, entre elas as diferentes correntes de esquerda, tem servido para que se possa visualizar com nitidez quais os setores realmente comprometidos com o interesse dos operários e das camadas populares. Quais os setores combativos e conseqüentes e aqueles que, de uma maneira ou de outra, capitulam frente ao regime e sua violência.

Especialmente os episódios que envolveram as explosões do Riocentro, pela situação original criada com o envolvimento público de dois agentes dos órgãos de segurança, criaram uma atmosfera propícia à conciliação. Se até àquele momento era possível para as cúpulas dos partidos institucionais condenar genericamente, no melhor estilo liberal, a “violência” e a “desumanidade” dos atentados, daí em diante essa postura cairia no ridículo. Os próprios fatos, de forma pública e notória, implicavam agora o aparelho de Estado. Como já vinha sendo denunciado pelas forças mais avançadas, os atentados partiam do interior do aparato repressivo e eram por ele encobertos.

(<sup>4</sup>) Esse capítulo foi complementado com a análise de algumas edições mais recentes, especificamente as que abordam o atentado do Riocentro, a fim de ilustrar a continuidade político-ideológica do jornal.

O clima “delicado” que se formou, a partir das evidências do comprometimento officioso com o terror, fez com que o regime buscasse intensamente caracterizar os terroristas como “fanáticos” ou “dementes” que teriam como alvo principal o general Figueiredo e “sua” política de “abertura”. Foi o que bastou. As cúpulas dos partidos oposicionistas correram em direção à conciliação, apressando-se em prestar “solidariedade” ao Presidente da República, supostamente ameaçado por seus inimigos da extrema direita. O fato foi tão bem capitalizado pelo regime que algumas das lideranças que foram até o Planalto tentaram voltar atrás ou ensaiar explicações. Outras, no entanto, continuaram na mesma posição de “evitar radicalizações” (Leia-se: manter a impunidade dos terroristas) para assegurar o pássaro que estaria na mão, ou seja, as eleições de 82.

Para o regime, naquele momento, era importante que o terror fosse considerado um “cancro” independente de qualquer projeto classista, absolutamente desvinculado do Estado e, principalmente, do Exército. Afinal, a estabilidade do Poder vigente — sua sobrevivência a médio e longo prazo — depende da credibilidade de suas instituições. O jornal *Hora do Povo*, ainda que não tenha insinuado o propósito de “arquivar” a questão em troca da manutenção das eleições encarregou-se de fortalecer um dos alicerces da versão oficial: qualquer que fosse o resultado do IPM, ficava estabelecido o não comprometimento das Forças Armadas. E mais do que isso, para o *HP* o braço armado de sustentação do Estado burguês não só estaria acima de qualquer suspeita, como seria uma instituição — por sua natureza e tradição — verdadeiramente interessada em apurar os fatos até o fim. Desta vez, a “esper-teza” tática do jornal em busca de uma aliança com as

“forças que honram a farda” consegue a façanha de colocar-se abaixo até do senso comum. Diante das evidências, que não puderam ser escamoteadas mesmo pela imprensa mais reacionária, até as pessoas politicamente “neutras” apontavam indignadas a própria estrutura de poder como vinculada ao terrorismo, em vista do flagrante efetuado pelo acidente do Riocentro.

Em seu número 85, o *HP* proclama que “Os galinhas verdes investem contra a integridade das Forças Armadas”; também publica com destaque o manifesto de uma “Associação dos Militares Cassados”, onde se pode ler que é chegado o momento de “convocar todos os homens de bem deste país para que formemos, juntos, uma grande frente em defesa da democracia (. . .) As Forças Armadas que são uma instituição permanente e que têm por função defender a pátria e garantir os poderes constituídos, a lei e a ordem, haverão de merecer sempre o respeito dos brasileiros”. Segue-se um desfile de adjetivos, tais como “insanos”, “fanáticos” e “monstros”, para qualificar aqueles que se empenham em impedir “a união Nação-Forças Armadas”. O manifesto, por seu lado, encerra com a seguinte frase: “Confiamos no general Figueiredo e na maioria dos camaradas militares democratas”. Como se pode ver, torna-se difícil separar o que diz o jornal do que diz o manifesto nele publicado.

A mesma linha é retomada nas edições subsequentes, como ilustra a seguinte manchete: “Conivência com o terror afronta o Exército” (*HP* n.º 86). Outra vez a mesma idéia: são os “maus elementos” que revoltam civis e militares, investindo contra o Exército e a Nação. E para complementar esse enfoque, o jornal cria um personagem novo: o “General Hagapito”, um bonequinho, para indicar uma efusiva simpa-

tia pelos “bons militares”. No editorial da mesma edição o próprio *HP* afirma com todas as letras: “. . . O *HP* não responsabilizou genericamente comandos militares pelo atentado, pelo contrário, ele denunciou precisamente o ultrage ao Exército. . .” E segue a mesma abordagem na edição seguinte, tanto no editorial como em matérias do tipo: “Exército repele manobra para comprometê-lo” (*HP* n.º 87). E se ainda restar alguma dúvida, vejamos o balanço que faz o jornal a respeito de seu próprio posicionamento: “No momento crítico que a Nação atravessa em função do sórdido atentado contra o Rio-centro, *nenhum jornal* (o grifo é dele) foi mais firme e enfático em dissociar as Forças Armadas dos que tentam deneigrá-la . . . (*HP* n.º 88, Editorial). Justiça seja feita: além de ter sido, de fato, o jornal brasileiro que defendeu mais abertamente essa tese, é o único que teve a sinceridade de proclamar o seu intento.

Após o resultado do IPM, cuja conclusão buscava encenar o capítulo final da farsa, transformando os réus em vítimas, a posição do jornal não mudou. Funcionando provisoriamente com o nome de *Jornal do Povo*, em virtude da suspensão que sofrera, ele volta à carga: “Brasil não aceita manobra para comprometer as Forças Armadas com o terror” (*JP* n.º 3). Sobre os porquês dessa “manobra” e os “sórdidos” interesses que ela esconde, nenhuma explicação plausível. No número seguinte, que saúda o general Serpa — conhecido por seu nacionalismo de direita — como “bravo oficial”, o editorial registra: “A repulsa ao engodo é unânime, do operário ao intelectual, da dona de casa ao empresário, do estudante ao político, do soldado ao oficial de nossas Forças Armadas” (*JP* n.º 3). Estranhamente, no entanto, o povo não ouviu a repulsa e o protesto frente ao engodo, de parte dos

empresários das multinacionais, dos banqueiros, da imensa maioria dos políticos da situação e militares de alta patente.

Em síntese, o *Hora do Povo* embarca num estilo de conciliação diferente do reformismo tradicional, que se manifesta normalmente na “moderação” da linguagem e das propostas políticas para cada momento. O *HP* faz a defesa febril das instituições essenciais ao capitalismo sob o manto de uma violência verbal. É um estilo de conciliação que se articula, sobretudo, com o patamar da ideologia, sob o disfarce de adjetivos aparentemente radicais em relação à luta política imediata. É a apologia das “Forças Armadas” contra os “infiltrados” que querem denegri-la, a defesa da “autoridade” contra a “anarquia”, da “ordem natural das coisas” contra o “caos”.

A concepção que leva a isso, parte do princípio de que as massas são infensas a qualquer conteúdo essencial, avessas a toda a racionalidade e, portanto, limitadas irremediavelmente à percepção imediata e distorcida. Trata-se de uma postura elitista — manipulatória. Aliás, só semelhante postura pode admitir a manchete: “Governo é subversivo” (HP n.º 42). Como se sabe, o regime sempre lançou esta “acusação” sobre as oposições mais combativas. No entanto, é um conceito que contém algo de real. As oposições operárias e populares querem, efetivamente, subverter a ordem opressora vigente. Lançar de volta o estigma ao governo, em primeiro lugar, admite o preconceito — subversivo = ruim, — em segundo, considera que o povo não pode assimilar a necessidade de liquidar o regime, forjando sua perspectiva em direção a uma nova sociedade.

O desprezo pelas possibilidades de consciência das massas, que se manifesta num “taticismo” que utiliza quaisquer ele-

mentos político-ideológicos, mesmo os mais reacionários, acaba configurando um mosaico onde se alternam debilóides, seres extraterrenos, vagabundos, anticristos, pederastas, ladrões corruptos e trapalhões. É o aprofundamento da alienação, reproduzindo a realidade do capitalismo — que deveria ser desvendada —, de forma acrítica e desconexa. Assim, o jornal nega que o sistema capitalista seja passível de ser conscientemente transformado, desarma política e ideologicamente as forças populares. O elogio constante das “energias do povo” não altera esse resultado, pelo contrário, decorre daí um triunfalismo e uma forma genérica de apelo à mobilização que só agravam o quadro geral.

## **Reformismo fascistizante**

Num enfoque político em sentido estrito, pode-se fazer algumas constatações interessantes. Da amostra de 47 jornais, extraída aleatoriamente, numa tentativa de avaliar o conteúdo das manchetes, obteve-se a seguinte distribuição: a) 14 constituem uma crítica político-administrativa, especificamente ao Presidente da República ou a algum de seus ministros; b) 4 criticam o partido do governo, ARENA ou PDS; c) 3 denunciam a corrupção; d) 10 são laudatórias a Ulysses Guimarães, MDB ou ao PMDB; e) 3 referem-se às lutas operárias ou populares; f) 2 são relativas à política internacional; g) 1 denuncia o alto custo de vida; e as 10 restantes dividem-se entre críticas superficiais ao “governo” e exclamações insólitas que dificultam a classificação pelo conteúdo.

Portanto, se somarmos as manchetes situadas num eixo nitidamente nacional-reformista, notadamente em “A”, “B”,

“C” e “D”, teremos o total de 31, isto é, 65% da amostra. Por sua vez, as manchetes laudatórias ao PMDB, em geral ao seu presidente, constituem 20% do total. Enquanto aquelas relativas às lutas operárias e populares não alcançam 7% das edições analisadas. Naturalmente, uma avaliação dessa natureza não pode pretender um caráter conclusivo. Em primeiro lugar, porque implica numa escolha prévia de critérios classificatórios que não foram explicitamente discutidos e demonstrados. Em segundo, porque um jornal popular deve, necessariamente, pautar-se por um leque amplo de preocupações. Porém, os dados apresentados podem ilustrar o eixo central em torno do qual gira a interferência estritamente política do jornal: “PMDB”, “governo”, “ARENA” ou “PDS”, “ministros” e “corrupção”. Além disso, a intervenção do jornal no movimento operário, o intenso e constante apoio aos mais reconhecidos “pelegos” do sindicalismo brasileiro, são a demonstração mais efetiva do seu compromisso reformista.<sup>(5)</sup>

Pode-se, ainda, citar outro exemplo que tipifica o posicionamento reformista do jornal, sempre apresentado com manchetes e títulos bombásticos: “Proclamada a anarquia no Brasil” — é a manchete do *HP* n.º 60. E logo abaixo: “. . . Anarquia tomou conta do país. Ulysses conclama patriotas. PMDB exige Constituinte para reconduzir a Nação ao regime republicano”. É oportuno, ainda, reproduzir alguns trechos da referida matéria:

“. . . Que o ministro da Justiça venha a público apresentar o Sr. Paulo Maluf como elemento apto à Presidência

(5) O apoio dado pelo *HP* ao “pelego” Joaquinção nas últimas eleições para o sindicato dos metalúrgicos de São Paulo é um exemplo significativo desse compromisso.

da República é demonstração cabal de que a administração do país não goza da seriedade necessária e deve ser substituída urgentemente sob pena de promover o naufrágio geral do país, levando-o à guerra civil. ( . . . ) Mas, daqui por diante, acabou o golpe. Só vai para a Presidência quem o povo quiser. E façam o favor de não nos irritar com suas pretensões descabidas porque nós, o povo, queremos resolver este problema em paz”. (HP n.º 60, pág. 3)

Por outro lado, as características ideológicas do jornal, já delineadas até aqui, não permitem que a totalidade do fenômeno seja reduzida ao seu aspecto nacional-reformista. De fato, o reformismo, o populismo ou o oportunismo são conceitos insuficientes para caracterizar globalmente a proposta político-ideológica expressa pelo *HP*. Seus traços de identidade com os métodos, o estilo e a ideologia do fascismo não podem ser atribuído a uma simples coincidência. A diluição da luta de classe, o desprezo pelas possibilidades subjetivas do povo, o elogio puro e simples da energia espontânea das massas, o reforço da ideologia burguesa e dos preconceitos através da desintegração do real, o antiteoricismo, o taticismo exacerbado, o dogmatismo e a prática brigadista, são manifestações que — integradas organicamente — formam a dimensão original do fenômeno *Hora do Povo*. É necessário, portanto, indicar como se articulam e se harmonizam tais componentes ideologicamente fascitizantes com sua proposta nacional-reformista no terreno político.

Sabemos que, politicamente, o próprio fascismo não é contraditório ao reformismo, na medida que representa uma tentativa de manutenção do modo de produção capitalista a partir de uma “revolução” na superestrutura a fim de adaptá-la à etapa monopolista. Assim, o único aspecto radical-

mente “revolucionário” do fascismo é o seu projeto de transformar a própria natureza biológica do homem, conforme será explicitado mais adiante, na abordagem filosófica do fenômeno. Aliás, no fundamental, o fascismo quer mesmo é reformar o capitalismo. Esse é o ponto que interessa aqui. O verniz revolucionário que encobre seu programa econômico e social, quando é constringido a apresentá-lo, visa apenas a manipulação da revolta espontânea das massas diante da crise e da insegurança crescentes do regime capitalista hegemônico pelos monopólios.

Desse modo, os componentes fascizantes da ideologia do *HP* não contradizem sua inserção reformista nas lutas políticas da conjuntura, mas, ao contrário, articulam-se de forma complementar e orgânica, dando ao reformismo uma vitalidade renovada. O reformismo tradicional, oriundo do liberalismo burguês, tende a se enfraquecer à medida que se aguçam as contradições do capitalismo, enquanto o reformismo fascizante encontra aí as condições para seu desenvolvimento. Por isso o reformismo do *HP* diferencia-se, em vários aspectos, do reformismo social-democrata. Enquanto aquele é ativo e militante, este é passivo e desmobilizador. Mas a essência antioperária de ambos, quando as forças políticas se polarizam, tende a empurrá-los para o mesmo barco no combate às posições mais avançadas da classe operária. Além do mais, utiliza nesse combate quaisquer meios que possam parecer eficazes.<sup>(6)</sup>

(6) Sobre esse aspecto pode-se consultar o *HP* n.º 90, onde o metalúrgico Waldemar Rossi é acusado de ser “peça chave na trama sórdida das multinacionais”, enquanto o famoso Joaquinção é apontado como autêntico dirigente operário.

# HORA DO POVO

Revista de Imprensa e Opinião - Nº 108 - 05/2/68  
Jornal da família brasileira

Ulysses não deixou por menos:  
**Homem que é homem não tem medo do governo!**  
*Ulysses fez balanço de fim de ano—Governo só mudou o rótulo, a droga continua a mesma—Nação é mais forte que o arbítrio. (pág. 3)*

# Se encontravam no Hotel: DELFIN ESTÁ DE NAMORO COM BANQUEIRO AMERICANO!

...ação indecorosa—Foram pagos em flagra  
... em perigo—Está demonstrada submiss  
... (Detalhes do caso amoroso na pág. 3)

...Gordo só dá vexame  
... andalo na

## Faferj d trama m

...tica acabou com entidade paralela  
... deram mel—Dr. Sobral Pinto faz  
... pense no tribunal—Ineu Guimarães

**Maluf candidato,** ministro pirata,  
Congresso subordinado a biónico:

**Maluf**  
...aribou

# PROCLAMADA A ANARQUIA NO BRASIL!!

**Pelro**  
O G...  
Curriola d  
Sindicato  
do recad

## Anisti?

...der dr  
...Marinho estava

Ministro da Justiça Abi-Ackel de vez  
... diz que não é importante apurar  
... ferroso. Ainda por cima lança  
... Maluf, denunciado como corrupto,  
... a presidência. Ministro do Ex-  
... ma. PDS sacubamba e subordina  
... (tudo na página 3).

a sita-  
s-Trans  
milhões  
o-PMDB  
si acabar

acha  
inato  
icante  
...ica acha morte de D.  
...ia—Acoberta ação dos



...Não há dúvida que...  
...Luzia...  
...Mina...  
...Lyda sem

Suspiros aumentam — Declarações do Cardeal Arns revelam que ele não está seguro a respeito da fé cristã de Figueiredo — O religioso não aceita o rito — Papa

condena miséria e corrupção — Santo Padre operário —

**HORA DO POVO**

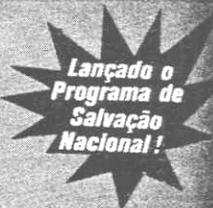
ANO II — DE 1212 A 1212 de 1960 — Nº 67 —  
Jornal da família brasileira

# Tango Macabro: FIGUEIREDO ABRACA O ANTICRISTO!

Z.  
en  
ataq

O homem do  
trabalho anuncia  
as acusações de  
sétimo de dezembro.  
Copa (pág. 17)

istas  
300 mil  
reganistão!



Mentiras 40 C14

UN atende

Após encontro com Santo Padre:

## IGREJA PÕE EM DÚVIDA SE FIGUEIREDO É CRISTÃO!

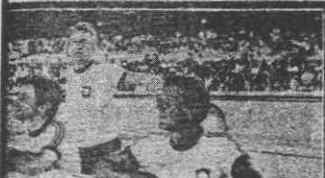
Fariseus e Vendilhões em desespero:

## ESTÁ CHEGANDO A ERA DA FRATERNIDADE UNIVERSAL

Santo Padre anuncia a boa nova — Condena desigualdades e protesta contra condições subumanas de vida do povo brasileiro — Exige que Figueiredo governe às claras — Tremem os sequeiros caídos — Povo espera que Presidente escute o Papa e mantenha eleições — Págs. 3 e 4.

O povo todo canta:  
**SE GRITAR PEGA LADRÃO  
 NÃO FICA UM MEU IRMÃO!**

Aumento da criminalidade preocupando os meios artísticos — "Pagode de Baçana" pode vencer o Festival (Leia na página 7)



...ne de Telê:

**Pouco feijão  
 e muita soja**

(Pág. 5)

**HORA  
 DO POVO**

ANO 10 Nº 222 - 22 de Junho de 1989 - R\$ 1,00

**Pai da Petrobrás  
 desvenda mutreta  
 do Acordo Nuclear**

União petubutirio petita energia — Perigo constante para o povo — Substâncias para comprar tecnologia japonesa (Pág. 5)

**GOL  
 DOS**

ABC exige a

**Morador  
 decisã  
 Governa**

Representantes de 90 outros co-  
 governo exigido: 50 por cento a  
 Justiça fígula dos anseios, cont a povo  
 do continuar (Pág. 5)

26 juizes condenam:

**GOVERNO É  
 SUBVERSIVO!**

Magistrados protestam contra desrespeito pela autoridade à decisão do Juiz Airão Reis que sustava demolição do prédio da UNE —

— Em documento, condenam "frontal subversão dos mais elementares princípios jurídicos vigentes em um estado de di-

reito" — Governista calunha Mendonça Neto do PMDB e o tempo fechou no Congresso — Presidente da OAB diz que Brasil é barril de pólvora — Ulisses Guimarães garante que governo é incompetente (Saiba de tudo na Pág. 4)

**Policia rem...  
 por ...**

Delegado Ni-  
 licia

**Governista reconhece:  
 CAVALGADURAS  
 DIRIGEM O PAÍS!  
 a tirania de  
 El Salvador**

Querem processar a opinião pública:

# GOVERNO É CORRUPTO CÍNICO E IRRESPONSÁVEL

## HORA DO POVO

ANO II - Nº 1795 - 22/06 de 1980 - R\$ 37 - C\$ 15,00

Oito senadores arenistas e mais o Ministro do Exército fazem "pool" para processar o HP — Senadores dizem que não são corruptos e Ministro diz que não é mentiroso — HP sustenta as denúncias — Deputado João Cunha também sofre arbitrariedade — Governo quer povo calado — Não combate os descabidos. Toda a intriga na p. 3.



Quebraram a arrogância dos patrões  
**ABC LAVA A HONRA  
DO POVO BRASILEIRO!**

Pág. 4



De Lúcio Cavalcanti

### Especulação e roubo no sumiço do feijão

Roubaram 506 milhões do crédito agrícola — Salvo vai ser menor (P. 5)

### Leonel Brizola é esbulhado por Figueiredo

PTB: "manobra sordida entregou legenda a capachos do Golbery"

### Inflação dispara e Delfim falsifica índice de preços

Inflação atinge 87% em 12 meses — Governo usa preços falsos no cálculo do custo de vida para tentar esconder seu fracasso — Amigos de Delfim faturam bilhões com a inflação (Pág. 5)

### Zico: 'calendário não me deixa mais treinar'

Na pág. 8 entrevista exclusiva com o craque.

### HP publica agora o listão da mordomia

Figurões gastam mais de 100 milhões — Leia a lista completa dos gastos na página 2

### Carter condena haitianos à morte

Milhares de refugiados haitianos não estão conseguindo asilo político nos EUA — Estão sendo repatriados para o Haiti — Devolvidos para a morte (Pág. 6)

## Somando para o fascismo

As considerações feitas até aqui nos permitem dizer que o *HP* representa um fenômeno complexo, ímpar na história do país. Para entendermos as condições sociais de sua gênese é preciso termos presente o processo a que foram submetidas as camadas médias desde o advento do “milagre econômico”. O indiscutível crescimento da economia naquele período possibilitou a elevação do nível de vida e do padrão de consumo de alguns segmentos intermediários, o que criou uma expectativa generalizada na pequena burguesia. Nesse processo, inclusive seus segmentos inferiores foram cooptados ideologicamente em função das expectativas geradas. O próprio aumento do número de vagas na universidade contribuiu para fortalecer essa ilusão, aparecendo como canal mais aberto à “ascensão social”. Assim, a pequena burguesia empobrecida stava impregnada do otimismo oficial e via a sua frente uma sociedade com enorme margem de mobilidade para o alto. Não conseguia perceber a essência monopolista do processo em curso, vendo apenas sua aparência.

Quando a crise começou a se agravar, restringindo cada vez mais as oportunidades de ascenso e mesmo de manutenção do nível de vida, houve uma reversão de tais expectativas. O segmento inferior da pequena burguesia, engrossado pelos que vinham “de cima” e em processo de pauperização crescente, passou a “radicalizar” sua postura política, com o estado de espírito exacerbado pelo fim das ilusões. Em virtude da imaturidade do movimento operário para hegemonizar essa revolta no sentido do socialismo revolucionário, esse segmento inferior da pequena burguesia passou a constituir uma potencialidade política específica, imprevisível em seu desdobramento.

É sobre esse terreno que a proposta do jornal *Hora do Povo* vai se mover com facilidade, conquistando adeptos e estendendo sua influência. Por outro lado, a natureza ideológica desse projeto, que se radicaliza sem fugir ao âmbito dos valores burgueses, corresponde também naturalmente, à tendência do lumpen-proletariado.

Na perspectiva de apanhar globalmente o fenômeno, o conceito de fascismo — enquanto tendência inerente ao capitalismo monopolista, que se articula embrionariamente na superestrutura — é o referencial capaz de orientar uma análise que vise detectar *onde, como e porque* se manifestam as tendências mais direitistas do movimento popular em seus possíveis desdobramentos, ou seja, por suas pontencialidades. Não se trata de percorrer o caminho das generalizações apressadas, invariavelmente produzidas pelo empirismo mais vulgar. Mas de buscar, sob a égide da filosofia — perspectiva radical por excelência —, as razões que podem levar uma intenção sinceramente transformadora a se perder no pântano do direitismo mais obtuso.

Vale repetir que não se pretende uma identificação do tipo “*Hora do Povo* = fascismo”. A história do movimento operário é pródiga em exemplos que demonstram as consequências trágicas do simplismo. O resultado negativo produzido pelas teses da III Internacional sobre a caracterização da social-democracia como “irmã gêmea do fascismo” (teoria do social-fascismo) é apenas um exemplo entre muitos que poderiam ser citados. Portanto, não se quer afirmar que o próprio jornal evoluirá para o fascismo a partir de sua dinâmica interna, o que repetiria, com uma pequena mediação, o simplismo já denunciado: não mais “*HP* = fascismo”, mas “*HP* (futuramente) = fascismo”.

Ao mesmo tempo, deve-se perseguir as implicações legítimas do uso desse conceito. Nesse sentido, sendo a objetivação do fascismo um “regime reacionário de massas”, o enfoque aqui adotado desemboca na tese de que o *HP reforça nas massas os elementos ideológicos que, num futuro possível, poderão ser manipulados em função de uma alternativa fascista. Isto é, que o jornal prepara terreno para a cooptação de sua base pela ultra-direita.* Evidentemente, é um processo no qual a totalidade dos simpatizantes envolvidos não percebe sua natureza essencial, acreditando piamente que o jornal contribui de maneira efetiva para o avanço da causa popular. Na sua imensa maioria, são indivíduos sinceramente oposicionistas que, de posse de alguns fragmentos estereotipados da teoria marxista, e avaliando estreitamente os resultados imediatos de sua prática, acreditam-se legítimos proprietários dos “estatutos da história”. Por isso, no imprescindível combate político e ideológico a essa corrente, é preciso não responder ao sectarismo que a caracteriza com uma postura igualmente sectária. Por se tratar de um segmento oposicionista e pretensamente popular, não se deve abdicar da possibilidade de sensibilizar aqueles indivíduos mais interessados na busca da verdade.

## **Sobre o conceito de fascismo**

O fascismo é um conceito problemático no âmbito das ciências sociais e um espaço ainda confuso no terreno da luta política. Caracterizando-se como um dos fenômenos mais importantes da história, notadamente em suas versões italiana e alemã, a polêmica pode ter arrefecido, mas certamente não se esgotou. Há os que querem esquecê-lo ou simplesmente

confiná-lo ao passado, enquanto outros transformaram o conceito num rótulo para qualquer violência cometida em nome do Estado.

O ponto de vista liberal jamais conseguiu ultrapassar a indignação e o maniqueísmo. O filme genial de Chaplin — “O Grande Ditador” — ilustra com beleza e arte os limites da crítica liberal. Ali, a Humanidade parece ter enlouquecido, vítima de uma doença misteriosa. O bom senso burguês, o amor abstrato entre os homens de boa vontade e a liberdade individual — idéias que revestiram a fase ascensional, não monopolista do capitalismo — cedem lugar ao obscurantismo, ao ódio e à violência, tudo sob os designios de um Estado indecifrável. Essa “anomalia” surpreende não só os pequenos e grandes judeus da Alemanha como os próprios espectadores do filme de Chaplin. No fundo, o pecado teórico do humanismo burguês é não conseguir erguer sua vista mais alto do que o nariz de cada indivíduo, para que possa compreender a dimensão coletiva do trabalho, da história e da liberdade. O que resulta dessa ingenuidade, inerente à perspectiva desintegradora das relações capitalistas, é uma concepção do processo histórico como um embate entre as idéias boas e más, entre os grandes vilões e os grandes heróis. Não é por outro motivo que o filme de Chaplin apresenta o fenômeno do fascismo como uma tragédia acima das classes, isto é, produzida por um punhado de tiranos fanatizados pelo poder.

Por outro lado, entre as abordagens marxistas, que pensam o fascismo como um problema desta época e não como um fóssil, o consenso teórico resume-se ao elementar: o conteúdo de classe (burguesia financeira) e o capitalismo monopolista como condição estrutural que, a um só tempo, vai sugerir objetivamente e aprofundar o projeto fascista.

Num artigo publicado em 1934, quando o fascismo já estava há doze anos no poder na Itália, Togliatti conseguiu perceber a generalidade da conceituação marxista estabelecida pela Internacional: “Cada um de nós está em condições de repetir que o fascismo defende e mantém o poder da burguesia por meio da violência aberta e do terror, desencadeando uma ofensiva desapiadada contra as condições de existência dos trabalhadores, destruindo toda a possibilidade de organização autônoma do movimento operário e das grandes massas, amordaçando a opinião pública etc. Cada um de nós é capaz de repetir estas coisas, mas, por mais que elas sejam justas, explicam a verdade até o fim?”<sup>(7)</sup>

O fascismo implica também numa ideologia, numa concepção do homem, da sociedade e do Estado, em determinados métodos políticos capazes de diferenciá-lo como modalidade específica da reação burguesa e das concepções de direita. Tanto isso é verdade, que os diversos movimentos fascistas surgiram de forma diferente e com propostas políticas que, no seu início, eram também bastante diferenciadas. O primeiro programa do fascismo italiano publicado em 1919, tinha fortes conotações sociais e uma terminologia de esquerda, propondo métodos burgueses radicais para corrigir as desigualdades e injustiças, tais como impostos progressivos, nacionalizações etc.<sup>(8)</sup>

(7) TOGLIATTI, Palmiro. *Lições sobre o fascismo*. São Paulo, 1.º vol., Coleção História e Política, Liv. Editorial Ciências Humanas, 1978, p. 117.

(8) BURON, Thierry & GAUCHON, Pascal. *Os fascismos*. Rio de Janeiro. Biblioteca de Cultura Histórica, Zahar Editores, 1980, pp. 23, 24.

O programa nacional-socialista, do partido de Hitler, propunha, entre outras coisas, “a participação dos trabalhadores nos lucros das grandes empresas”, a supressão de todos os ganhos obtidos “sem esforço nem trabalho”, o confisco dos bens daqueles que “enriqueceram através da guerra” e uma reforma agrária “adequada às exigências nacionais visando o bem comum”.<sup>(9)</sup>

Noutros países da Europa ou mesmo no Brasil, os movimentos fascistas partiram já com propostas abertamente conservadoras. Em 1927, Plínio Salgado esboça sua primeira interpretação política sobre a realidade brasileira na coletânea *Literatura e Política*, numa perspectiva nitidamente reacionária.<sup>(10)</sup> Na verdade, o *discurso* político do fascismo — seja qual for — não revela integralmente a natureza do fenómeno.

Assim, embora seja fácil reconhecer empiricamente um regime fascista clássico ou mesmo certos traços dessa modalidade nas ditaduras terroristas da América Latina, o problema teórico e político que suscita o conceito não fica resolvido. Hoje, toda a questão reside, em última análise, na necessidade de identificar a gênese ideológica e política do fascismo antes de sua existência como Estado e, até mesmo, antes de sua existência como movimento organizado e explícito.

Portanto, é preciso superar todo e qualquer enfoque empirista e adentrar no terreno fértil da teoria. Trata-se de

(9) KONDER, Leandro, *Introdução ao Fascismo*. Rio de Janeiro. Biblioteca de Estudos Humanos, Série Teoria e Realismo (1), Edições do Graal, 1977, p. 44.

(10) TRINDADE, Hégio. *Integralismo*. (O fascismo brasileiro na década de 30). São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1974, p. 56.

captar o fascismo na sua própria gênese, na constituição de suas premissas, para enfrentá-lo não como uma “coisa” ou um fenômeno estático e formalmente delineado, mas como uma tendência essencialmente antioperária. A advertência de Togliatti no sentido de que não podemos considerar o fascismo como qualquer coisa de definitivamente caracterizado, “nunca como algo fixo, nunca como um esquema ou um modelo”, é oportuna de ser lembrada aqui. O fascismo é, antes de tudo, uma *tendência* inerente ao capitalismo monopolista que passa a desenvolver-se na etapa imperialista.

Segundo Lênin, o imperialismo constitui-se a partir da concentração da produção e do capital, da fusão do capital bancário com o industrial à base do capital financeiro, da exportação de capitais e do surgimento dos monopólios internacionais que disputam pela repartição das riquezas e dos mercados. É sobre essa base, em escala mundial, que ocorre a tendência objetiva para a transformação reacionária das instituições burguesas em direção ao fascismo. Entretanto, a passagem da democracia burguesa ao fascismo não pode ser considerada fatal, inevitável, lembra Togliatti, acrescentando que as possibilidades de sua instauração “estão ligadas ao grau de combatividade da classe operária e à sua capacidade de defender as instituições democráticas”.<sup>(11)</sup> Vemos, pois, que ele define o fascismo como superestrutura que expressa uma determinada relação de classes, dando ênfase ao aspecto ideológico e subjetivo, à consciência de classe do proletariado e sua capacidade de influência sobre as demais camadas populares. De fato, o processo político e a luta ideológica ocorrem a partir de uma base econômica, embora não sejam determi-

(11) TOGLIATTI, Palmiro. *op. cit.*, p. 4.

nados mecanicamente por ela, na medida que a política se constitui exatamente na abertura do processo econômico em suas variadas possibilidades. A política ocorre no leque de possibilidades que se abre, a partir das condições e necessidades colocadas pela produção e reprodução da vida social, através da intervenção das classes e dos indivíduos. É por isso que a ideologia e a filosofia são inseparáveis da política e, constantemente, convertem-se umas nas outras.

Toda a interferência política pressupõe, de forma consciente ou não, uma ideologia. Por seu lado, qualquer definição ideológica exige uma concepção sobre a totalidade, sobre o ser genérico do homem e suas relações com o mundo. Exige, enfim, uma concepção ontológica, uma filosofia. A ideologia é o coração da política, sua energia íntima, embora não seja anterior nem exterior ao processo político em curso, mas precisamente seu coração. A filosofia (a concepção ontológica em que se fundamenta) é, para prosseguir na analogia anterior, a “razão” da política, o horizonte mais amplo de sua racionalidade e concretude. Porém, o fato da concepção ontológica configurar-se como horizonte necessário e permanente também não significa qualquer anterioridade ou exterioridade com relação à luta de classes. Ao contrário, indica o antagonismo das classes em toda sua dimensão, pois a luta entre elas não é travada apenas no terreno específico da política, mas, igualmente, no espaço ideológico e filosófico.

Assim, indagar o conteúdo ideológico e filosófico de um *projeto político* ou de uma *prática política* é a tentativa de descobrir o fenômeno em sua essência, ou seja, além de sua aparência positiva. Trata-se de desvendar o fenômeno político

de forma mais profunda que a sua base imediata de classe pode indicar, para apreendê-lo em seu movimento, em suas tendências e possibilidades reais.

## **Anti-humanismo militante**

A tarefa de captar uma tendência histórica, cujas determinações ainda não se explicitaram organicamente, não é fácil. Especialmente quando essa tendência articula-se com os interesses de uma classe reacionária, cujo projeto particularista não pode manifestar-se abertamente, cumprindo à ideologia a função de esconder e dissimular essa contradição. A ideologia busca assumir uma universalidade que não corresponde à ontologia que lhe é subjacente. Instaure-se um conflito entre o conteúdo concretamente reacionário do movimento em sua totalidade e, por outro lado, a falsa consciência que se manifesta no *discurso* ideológico. Obviamente, esse conflito não é a expressão de uma oposição eterna e inelutável entre a verdade científica e a falsidade ideológica, na medida mesmo que, do ângulo proletário, pode ser superado esse impasse.

O fascismo talvez seja o caso mais típico dessa contradição. Quase todos os teóricos marxistas que o estudaram, perceberam o caráter eclético de seu *discurso*, baseado sempre em conceitos irracionalistas e estereotipados. Assim, a ideologia do fascismo aparece fragmentada, caótica, cujo desenvolvimento obedece a objetivos táticos e vai assumindo tantas faces quantas forem as exigências de cada momento. “A concepção de Togliatti aponta para o fascismo como regime que *combina dialeticamente* terror e base de massa, violência e ideologia, força e busca de consentimento, como regime que manobra e

dissimula constantemente seu caráter de classe e sua brutalidade”.<sup>(12)</sup>

O fascismo não soube — porque não podia mostrar-se como projeto específico de classe — expressar de forma coerente a concepção do mundo que sustenta o oportunismo de sua prática política. Para compreendê-lo em sua totalidade devemos perguntar, antes, qual o projeto histórico que pode articular os interesses radicais consubstanciados à tendência monopolista do capitalismo.

Quando um punhado de capitalistas passa a controlar o mundo com seus monopólios, a liberdade humana — inclusive em suas determinações genéricas — passa a encarnar a desagregação da “ordem social” que assegura o domínio monopolista. Mussolini dizia que a luta de classes é inevitável no atual estágio da Humanidade e por isso deve ser disciplinada através do poder de uma elite de novo tipo.<sup>(13)</sup> A intenção do líder do fascismo italiano era corrigir Marx, que não teria percebido os *limites naturais* do ser humano, para justificar filosoficamente a alternativa fascista.

O capitalismo monopolista organizou a vida social “racionalmente” numa tentativa de submeter os trabalhadores ao projeto da burguesia, promovendo a ilusão da identidade de interesses. Todavia, os trabalhadores estabelecem entre si laços objetivos e subjetivos constituindo uma classe que se opõe à exploração assalariada. Além do mais, são indivíduos que

(12) NOGUEIRA, Marco Aurélio. Em apresentação à Palmiro Togliatti. *Lições sobre o Fascismo*. São Paulo, primeiro volume da Coleção História e Política, Liv. Editorial Ciências Humanas, 1978, p. XIII.

(13) KONDER, Leandro. (citado por). *op. cit.*, p. 8.

possuem aspirações, consciência crítica, idéias, interesses comuns, fatores que tendem a se articular para desestabilizar a organização e a “racionalidade” dos monopólios. É por isso que o fascismo representa a negação da “universalidade humana” e, ao mesmo tempo, a afirmação de particularidades estereotipadas, fazendo a apologia da “Nação”, da “raça”, da “elite” e do “Estado”. Dessa forma, o fascismo procura, politicamente, colocar a “energia negativa” das massas a serviço de seu contrário, ou seja, da ordem da hierarquia, da disciplina e da padronização ideológica. Eis o conteúdo anti-humanista e militante da ontologia fascista, conteúdo esse que deriva do papel histórico que o fascismo se propõe a cumprir como movimento e, se possível, como forma de Estado.

Para que haja hierarquia rígida e ordem absoluta na sociedade, o fascismo propõe o terror e os mitos, numa complementação em que tais elementos se combinam e se reforçam mutuamente. Assim, não é retórica afirmar que o fascismo é um anti-humanismo militante. Sua idéia sobre as massas é de algo que deve ser modelado e conduzido através de “verdades” ocasionalmente úteis, para colocar suas energias caóticas a serviço do capitalismo monopolista e, em especial, da burguesia financeira. O fascismo tem profundo desprezo pelas possibilidades de entendimento das massas. Por isso procura despertar, não a consciência crítica, mas as “energias irracionais” das camadas médias e dos setores populares, visando apagar as fronteiras entre as classes e camadas sociais. Na expressão do escritor futurista Mario Carli, o ideal de homem do fascismo é um “moderno bárbaro”.

Precisamente por esse motivo, o fascismo tende a repudiar a teoria ou simplesmente identificá-la com a prática, a fim de que ela perca sua capacidade crítica e seja efetivamente

negada. É uma tentativa, como já dissemos, de resolver a contradição entre a universalidade do pensamento teórico, filosófico, e os interesses particularistas da burguesia.

A forma política pela qual o fascismo quer negar concretamente as possibilidades humanas é o “Estado totalitário”. Esse Estado, cuja missão seria representar o “todo” social, deve impor uma finalidade “humana” aos povos. Configura-se, assim, uma proposta radicalmente idealista para o curso de uma história que, por sua tendência objetiva, em função dos limites naturais do homem, estaria fadada à desagregação. Instaure-se aqui uma contradição entre o homem natural, condicionante definitivo das limitações históricas, e o ideal de implantar uma nova natureza humana por meio do Estado. Por baixo da história transcorrida subsistiria até hoje o mesmo “bárbaro”, sendo tarefa das elites fazê-lo assumir-se como tal e apropriar-se de uma só vez de sua essência natural. Este seria o grande destino do homem, o único possível.

Para o fascismo, a harmonia social resulta da organização hierárquica da sociedade, em função das diferenças naturais que existem entre os homens.<sup>(14)</sup> Nada mais do que o outro lado da moeda capitalista. A livre concorrência precisava afirmar, contra as amarras feudais, que todos os homens nascem livres e iguais. À medida que o capitalismo atinge a etapa monopolista, quando as liberdades políticas tornam-se um estorvo pela instabilidade que podem causar à sua “racionalidade”, é necessário afirmar que os homens nascem “diferentes”, superiores uns aos outros, e que a hierarquia rigidamente estabelecida é condição para o desenvolvimento humano.

(14) TRINDADE, Héglio, *op. cit.*, p. 209.

Hélgio Trindade, embora sem apontar essa contradição entre o pressuposto naturalista da ontologia fascista e sua proposta política radicalmente idealista, situa acertadamente o problema: “O fascismo, ao contrário do liberalismo, não está impregnado de um otimismo histórico fundado na idéia da felicidade e de progresso indefinidos. Suas posições baseiam-se numa concepção heróica e, ao mesmo tempo, trágica da história. Dentro de uma visão maniqueísta, o processo histórico resulta de uma luta permanente contra os elementos de desagregação que retornam constantemente porque são inerentes à natureza humana”.<sup>(15)</sup>

### **Marxismo e fascismo**

As correntes de direita, especialmente seus setores mais reacionários, após a II Guerra Mundial, procuraram estabelecer uma identificação entre os “radicalismos” comunista e fascista. Especialmente entre os generais da América Latina afinados com o Pentágono, tornou-se usual a expressão “fascistas vermelhos” para caracterizar os soviéticos e os segmentos de esquerda em seus próprios países. Trata-se, evidentemente, de uma dissimulação ideológico de extrema direita para se auto-proclamar “equidistante de todos os radicalismos”, enquanto, na verdade, sustentam e defendem regimes com visíveis características fascistas ou fascistizantes. Porém, essa acrobacia ideológica da reação não deve impedir que os marxistas indaguem seriamente sobre a relação filosófica entre fascismo e as tendências naturalistas derivadas do stalinismo. O verdadeiro acerto de contas sempre deve chegar à filosofia; nesse sentido, o marxismo não acertou definitiva-

(15) TRINDADE, Hélgio, *op. cit.*, p. 277.

lógica, devendo ser o homem manipulado como tal, isto é, em sua natureza biológica mesmo. As possibilidades do ser biológico do homem não estão dadas, para o fascismo, pela história, ou seja, *na* história. Ao contrário, suas possibilidades históricas estão dadas irremediavelmente pelo seu ser natural. Sem dúvida, eis aqui uma forma de naturalismo que, embora não seja determinista em toda sua extensão — pois completa-se com a proposta de *criação* do “homem novo” — tem como suposto a predominância do natural sobre o histórico. Por isso, o método do fascismo é objetivista, no sentido de que o homem passa a representar para o homem nada mais do que um objeto a ser manipulado e, por conseqüência, é objetivista em toda sua dimensão epistemológica. Portanto, não é arbitrariamente que se afirma ser o nacional-socialismo alemão a realização mais extrema, mais acabada e mais típica do fascismo. As referidas experiências com cobaias humanas é a aplicação conseqüente de tais premissas filosóficas.

Nas próprias palavras de Hitler: “A massa dos trabalhadores quer apenas pão e divertimento, jamais compreenderão o sentido de um ideal, e não podemos ter esperanças de conquistá-los para uma causa (. . .) O que temos de fazer é selecionar uma categoria de senhores, homens que não se deixarão governar, como nós, pela moral da piedade”.<sup>(17)</sup> Noutra passagem, contrapondo-se ao ponto de vista marxista, ele deixa mais nítido ainda seu pensamento filosófico: “A doutrina judaica do marxismo repele o princípio aristocrático observado pela natureza e substitui o privilégio eterno da força e da energia pela predominância das massas e pelo peso

(17) BURON, Thierry & GAUCHON, Pascal. (citado por). *op. cit.*, p. 105.

mente suas contas com o fascismo, pois, embora a ele se oponha antagonicamente tanto na política como na ética, não refletiu o bastante sobre seu antagonismo ao nível filosófico.

Já dissemos que o fascismo é um naturalismo em sua ontologia. Mas que, possuindo uma ideologia ativista, complementa-se com uma proposta radicalmente idealista, pois se pretende a-histórica. Sua concepção sobre a construção do “homem novo” baseia-se, sobretudo, numa proposta para a manipulação do homem enquanto ser natural. Deixemos o próprio Hitler falar: “O Estado novo não passará de uma miragem senão produzir um novo tipo de homem. Há dois mil e quinhentos anos, quase todas as revoluções, salvo algumas exceções, têm fracassado porque se seus responsáveis não compreenderam que o essencial, numa revolução, não é a tomada do poder, mas a educação dos homens (...) A educação nacional-socialista deve, pois, ser global (...) Ela pretende reconduzir os alemães aos fundamentos naturais da vida que são os únicos que nos permitem voltar a ser, internamente, um povo unido e sadio (...) A exigência da saúde no plano racional e mental é complementada pela educação do corpo”.<sup>(16)</sup> Trata-se, portanto, de mudar o homem, não apenas pela educação e a cultura, mas também pela biologia. O que aliás, foi levado a termo nos campos de concentração através das experiências científicas que usavam os judeus como cobaias.

Dessa forma, os limites e as possibilidades que definem o ser do homem estão condicionados pela sua natureza bio-

(16) BURON, Thierry & GAUCHON, Pascal. (citado por). *Os fascismos*. Rio de Janeiro. Biblioteca de Cultura Histórica, Zahar Editores, 1980, p. 107.

morto dos números. Nega o valor individual do homem, contesta a importância da entidade étnica e da raça, privando assim a humanidade da razão da sua existência e da sua civilização. Admitido como fundamento da vida universal, conduziria a humanidade a abandonar qualquer noção de ordem. E como, nesse organismo, só o caos poderia resultar da aplicação desses princípios, a ruína seria o desfecho final para todos os habitantes de nosso planeta".<sup>(18)</sup>

Até aqui, dois aspectos parecem ter ficado suficientemente sublinhados: a filiação naturalista da ontologia do fascismo e, por outro lado, o caráter profundamente reacionário, anti-humanista e heróico de seu projeto social, o que se opõe radicalmente a qualquer concepção marxista no plano ético. Além disso o fascismo propõe a abstração das diferenças e dos conflitos de classe, considerando o Estado como unificador e mantenedor da coesão social. Não se trata de um projeto para negar objetivamente as classes sociais, mas de negação abstrata das classes pela padronização ideológica em torno do Estado, para a efetiva manutenção das relações capitalistas. O que constitui também um antagonismo, no plano da política, com qualquer corrente marxista.

Numa dimensão, porém, a concepção das correntes de matiz stalinista possui identidade filosófica com o fascismo. Especificamente, no que se refere ao traço naturalista da ontologia. São correntes que não compreenderam a ruptura radical que a produção social, vale dizer, a história, realizou com a medida puramente natural dos homens. Sua concepção é que o destino humano está traçado objetivamente pelas "leis

(18) BURON, Thierry & GAUCHON, Pascal. (citado por). *op. cit.*, p. 106.

férreas do desenvolvimento social”, como processo que persegue um fim que independe da subjetividade humana. Uma espécie de naturalismo que, embora otimista em relação ao futuro, ufanista com relação à luta política em curso, acaba atribuindo — queira ou não — um estatuto teleológico e ético à natureza em geral, no qual o homem estaria incluído. Onde há uma teleologia e uma ética especificamente humanas, o que pressupõe a subjetividade como momento não redutível, as correntes naturalistas pseudo-marxistas fazem o elogio da pura objetividade.

Por outro lado, o fascismo pressupõe também um naturalismo, embora pessimista, essencialmente negativo, que vê no fenômeno humano uma tendência dominante à desagregação. Esse destino trágico, inscrito na própria natureza humana pela limitação de seu ser genérico, somente poderia ser superado “heroicamente” pelas elites condutoras das massas e pelos povos condutores de povos. Ao “Estado”, à “Nação” e às “elites” cabe o papel relevante de mitos moralmente justificáveis, na medida de sua função congregadora e educativa.

Assinalados os antagonismos, a fim de evitar entendimentos rápidos e interessados, convém reafirmar a identidade do traço naturalista entre o fascismo e as correntes de matiz stalinista. É precisamente esse traço comum que reproduz semelhanças notáveis em determinados aspectos da prática política e do discurso ideológico. Os pontos nodais dessa semelhança são o “taticismo” e a falta de “mediações racionais” entre a política e a filosofia, pela simplificação objetivista da realidade. A referência teórica do taticismo se expressa na separação radical entre fins e meios. Certos “marxistas” pensam como Goebels: “Para nós qualquer meio é bom desde

que revolucione o atual estado de coisas”.<sup>(19)</sup> No caso do fascismo, essa separação pode ser observada na contradição aguda entre seu discurso, que procura apresentar-se como “revolucionário” e “popular” e, por outro lado, sua verdadeira dimensão como projeto reacionário sob a hegemonia dos interesses da burguesia. Os fins humanos são definidos pelas elites, que tomam a massa como objeto, utilizando quaisquer meios desde que sejam úteis. No caso das concepções naturalistas “de esquerda”, a separação ocorre na medida que os fins estão fixados de antemão, não a partir de sujeitos históricos, mas pelas leis da pura objetividade. Trata-se simplesmente de descobrir as imposições da economia e auxiliar o parto para que seja mais rápido e menos dolorido. Também aqui os meios não possuem qualquer organicidade em relação aos fins, sendo escolhidos pelos critérios mesquinhos da “utilidade” imediata.

Assim, à proporção que estas correntes pseudo-marxistas levam suas concepções naturalistas até as últimas conseqüências, aproximam-se cada vez mais de uma prática ao estilo fascista. Quanto mais a crença nas “inevitabilidades históricas” se torna uma fé ruminante, que tende a substituir o fundamento criador da *práxis* revolucionária pela insistência delirante em torno de obviedades genéricas, mais se aprofunda o taticismo, o antiteoricismo e a identidade com a prática fascista. Nesse sentido, o desprezo pelos programas, o elogio da energia natural das massas — na convicção de que a vitória do marxismo é um dado apriorístico — são conseqüências e, ao mesmo tempo, agravantes dessa prática tendencialmente

(19) BURON, Thierry & GAUCHON, Pascal. (citado por). *op. cit.* p. 75.

direitista. Na medida que se acentuam tais características, em que pese as intenções políticas opostas, estão sendo reproduzidas as premissas para uma cooptação, senão militantemente fascista, certamente antioperária.

## **Perspectivas no Brasil**

Neste momento, podemos desenvolver uma das implicações das idéias esboçadas até aqui: existem condições objetivas para o fascismo no Brasil?

Considerando que o fascismo é uma tendência mundial da etapa imperialista do capitalismo, à base da monopolização crescente da economia, suas manifestações podem ocorrer em qualquer país capitalista. Embora sua caracterização mais típica pareça exigir certo nível de aguçamento da luta de classes, a tendência ao fascismo não se manifesta através de um padrão, fato que pode ser amplamente verificado na história. Porém, suas manifestações como forma de Estado exigem a degeneração do pacto de dominação entre as próprias classes dominantes, como indica a análise de Poulantzas.<sup>(20)</sup> Além disso, a instauração do Estado fascista requer um equilíbrio de forças altamente favorável às classes dominantes que, embora divergindo entre si, mantêm total hegemonia ideológica. Isso significa que é necessário a mais completa derrota do proletariado e setores democráticos da população.

Particularmente no Brasil, a possibilidade de uma reação fascista não pode ser descartada mesmo a médio prazo. Os

(20) POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura*. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1978.

impasses estruturais da economia, o aguçamento das tensões sociais e a imaturidade da classe operária para impor sua alternativa política delineiam o quadro geral da conjuntura.

A partir de 1974, o governo Geisel começa a tratar sua proposta de “abertura política”. O fim do “milagre econômico”, a crise que se avizinhava e o crescimento da insatisfação popular colocaram em pauta, para as próprias classes dominantes, o problema de manter o pacto de dominação em moldes funcionais. Tratava-se, fundamentalmente, de tornar o Estado militar mais flexível para reacomodar politicamente os diversos setores do bloco de poder, em função dos novos conflitos que surgiam. A tentativa de manutenção da base social do regime, sob a égide da crise, estava no fundo desse processo. Ao contrário da versão mais difundida entre as oposições, a *iniciativa* da “abertura” não significou pura e simplesmente um recuo do regime face ao avanço da luta popular, mas, num primeiro momento, a necessidade que tiveram as classes dominantes de modificar a forma do Estado militar para atualizar o pacto no interior do poder. É evidente que, em consequência desse processo e forçando seus limites, as forças populares foram ocupando o espaço político e compondo uma variável progressivamente mais importante. E isso ocorreu a tal ponto que, hoje, a lógica da “abertura” subordina-se à capacidade de barganha das forças populares.

A partir dessa constatação é que se pode reconhecer o impasse político que marca a conjuntura brasileira. De um lado, se aguça a crise econômica e aumenta o descontentamento das massas, de outro, inexistente um nível suficiente de organização e independência ideológica da classe operária para hegemonizar as demais camadas oprimidas e viabilizar uma alternativa. Portanto, tudo depende da capacidade do movi-

mento operário e popular para radicalizar a questão democrática numa perspectiva independente, evitando a conciliação e aglutinando forças em torno de seu programa.

No contexto desse impasse, a reação fascista no Brasil é concretamente possível como alternativa radical da burguesia. Ou seja, uma ditadura capaz de cooptar camadas médias, subproletárias e até operárias, as quais, exasperadas em função da profunda crise social e sem unidade em torno de um projeto efetivamente revolucionário, podem constituir massa de manobra da ultra-direita. Portanto, é uma tarefa atual detectar os germes do fascismo nas ideologias e práticas políticas que se manifestam na sociedade brasileira.

Isto posto, podemos concluir de forma mais precisa a questão que nos interessa. Já vimos que algumas correntes de esquerda possuem um traço de identidade filosófico com o fascismo. Porém, é preciso responder o seguinte: podem reproduzir-se as premissas políticas e ideológicas do fascismo a partir da ação de uma dessas correntes? Noutras palavras, podem surgir propostas discursivamente populares, cuja natureza essencial, independente da intenção de seus protagonistas, prepara o caminho para uma possível manipulação fascista?

Alguns líderes do fascismo clássico vieram da esquerda, de onde inclusive contrabandearam uma terminologia socialista. Mas não se configura aqui o mesmo fato. Aqueles trataram de renegar, até formalmente, os princípios do marxismo. Nossa indagação se refere a uma proposta que se afirma democrática, popular e socialista em sua proclamação ideológica. É desse ângulo, considerando a concepção ideológica e filosófica subjacente ao discurso, que devemos atingir o ponto nodal da crítica ao jornal *Hora do Povo*. Seu percurso político até o presente indica um movimento à direita que certamente não

chegou ao fim. Sem dúvida, hoje mesmo o jornal apoiaria — com restrições meramente formais — o governo de um general nacionalista e reacionário. Seus adeptos, certamente, constituiriam “tropas de choque” contra as mobilizações e greves do proletariado mais combativo, tudo em nome da “unidade” e do combate aos “provocadores esquerdistas”. Todas as evidências discutidas até aqui autorizam essa hipótese. É claro que outras forças liberais ou “tradicionalmente de esquerda”, poderiam dar seu apoio a uma alternativa desse gênero. No entanto, o mais provável é que trilhassem o caminho da conciliação passiva, não adotando uma militância efetiva capaz de funcionar de maneira eficaz para a cooptação parcial do próprio movimento de massas.

Já vimos que a prática política do *HP*, com sua visão maniqueísta que dissolve a luta de classes, utilizando sempre o taticismo mais estreito, não consegue desvencilhar-se da ideologia burguesa enquanto instrumento de manipulação. Essa prática (no sentido amplo) reforça, por seu estilo e seus métodos, os piores valores disseminados entre as massas. E assim leva água para o moinho das tendências fascistas e anti-operárias da etapa atual do capitalismo em escala mundial e, particularmente, da conjuntura brasileira.

As posições realmente operárias ou radicalmente democráticas devem travar um vigoroso combate aos traços fascizantes do *HP*, demonstrando as práticas e concepções direitistas patrocinadas pelo jornal. A tese de que *primeiro* é necessário unir sem distinções todos os que se opõem ao regime, para só depois, “no terreno tranqüilo da democracia”, travar a luta ideológica no interior do campo popular, é apenas um disfarce para manter a classe operária no terreno ideológico da burguesia.

O combate ao regime e o enfrentamento às posições anti-operárias que se manifestam no campo popular devem ser simultâneos, embora em níveis e com métodos diferentes. Se isso é uma verdade já consagrada pela experiência do movimento operário, como primeira condição para a conquista da hegemonia, tanto mais no caso do Brasil onde a classe operária é a única que pode levar a luta contra o regime militar até suas últimas conseqüências. Portanto, a tarefa de varrer do movimento de massas a influência do jornal *Hora do Povo* não pode ser escamoteada sob quaisquer pretextos, ingênuos ou formalistas. No terreno teórico é preciso, antes de tudo, desmascarar o empirismo delirante dos ativistas do HP, quando proclamam a máxima defendida por Mussolini sobre a *identidade* entre a teoria e a prática, ao invés da concepção marxista da *unidade dialética* entre a teoria e a prática. No plano político, trata-se de denunciar o oportunismo de uma proposta que recusa a especificidade proletária e a necessidade da autonomia programática das forças populares, em favor de uma suposta unidade da “família brasileira” em defesa da Nação.

Este livro foi impresso pela:



**MONSANTO EDITORA GRÁFICA LTDA.**

Rua Clímaco Barbosa, nº 128/132

Telefones: 270-0203 e 278-6994

01523 — Cambuci — São Paulo — S.P.

Com filmes fornecidos pelo editor

# **HORA DO POVO**

**Uma vertente para o fascismo**

“O HP reforça nas massas os elementos ideológicos que, num futuro possível, poderão ser manipulados em função de uma alternativa fascista”.